

A Reflection for the future: Essay for the Polo III of UP

Roberto, Ivo, Student at Faculty of Architecture, University of Porto, Portugal

Ribeiro, Helder Casal, Assistant Professor FAUP; Researcher CEAU – FAUP Group Atlas da Casa – Identidade e Transferência, Portugal

Começo por me apresentar- o meu nome é Ivo Roberto, sou aluno da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto e estou a desenvolver uma dissertação que aborda o tema que hoje trago a este simpósio, uma reflexão sobre e para o futuro do Polo III da UP.

Antes de começar gostaria de agradecer a presença dos moderadores desta sessão e também da audiência.

Vou proceder à apresentação em português com o objetivo de aumentar a clareza e a eficácia da comunicação, permitindo que a plateia acompanhe melhor as ideias apresentadas.

1.Motivação

Perseguindo a vontade de finalizar o mestrado na FAUP, foi iniciada uma investigação que estrutura uma dissertação em processo, um trabalho capaz de demonstrar os interesses e capacidades adquiridos.

O exercício constitui uma sequência, mas também o resultado de um processo de aprendizagem em graduação, decorrida na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (FAUP) mas também na École Nationale Supérieure d'architecture de Paris-Belleville (ENSA-PB) instituição escolhida para a experiência de Erasmus, que foram fundamentais para questionar e perceber a pertinência da presente investigação.

Durante os anos de formação na FAUP a visita e uso do Pólo III da Universidade do Porto (UP) foram o quotidiano. Esta proximidade levou ao interesse por este lugar e faz com que hoje se proponha este como base para a reflexão. Viver este lugar permitiu aperceber das suas virtudes, mas também das suas carências, que enquanto aluno e futuro arquiteto me inquietam.

A oportunidade de poder criar relações com outros alunos da FAUP mas também de outras faculdades integrantes do Pólo III e de outros Pólos Universitários permitiu perceber como várias pessoas vêm e usam este lugar, havendo sempre uma grande diversidade de opiniões e considerações sobre o que o Pólo III foi, é e o que poderia ser. Claro que para além destas observações havia a minha opinião pessoal, muito influenciada pela experiência na FAUP que despertou para algumas carências necessárias de (re)pensar e propor no Pólo III da UP.

Assim surge e justifica-se a pertinência desta investigação, que têm como objetivo o desenvolvimento de uma reflexão que nos permita chegar a uma posição sobre o tema proposto, bem como servir de base à evolução instrumental, científica e cultural.

2.Objetivo

Como maneira de responder às várias inquietações sobre o Polo III, propõe-se uma reflexão e discussão que respondam à cidade de hoje e do futuro, assistindo ambos com uma oportunidade de renovação e adaptação às necessidades contemporâneas das pessoas e do ensino. Para tal será pertinente entender o território do Polo III, os seus planos, a sua estrutura, organização e relação dos componentes já constituintes do lugar, para que assim se possa perceber as relações que o edificado estabelece com a cidade nos seus aspetos sociais, funcionais e programáticos.

Procuro que o exercício proposta seja contextualizado pelos debates, premência e inquietações contemporâneos, ao entendimento da circunstância pública e urbana do lugar e da capacidade da sua potencial requalificação física, social e ambiental, isto é, a sustentabilidade da forma e da construção, a racionalidade da função e do espaço, a clareza urbana e tipológica, o domínio da(s) escala(s) e o controlo (tri)dimensional.

3.Objeto

A ideia ou o problema começou a surgir bem no início do percurso académico, e tem vindo a ganhar força com a passagem pela FAUP, a experiência vivida durante o período pandémico e com a oportunidade de Erasmus em Paris.

Com a primeira visita ao Pólo III da UP, pouco tempo antes de entrar para o primeiro ano de faculdade, percebeu-se que este é um lugar estruturado e marcado por grandes acessibilidades e infraestruturas rodoviárias de entrada e saída da cidade que recortam aquele território, por edifícios públicos de equipamentos e serviços, por diversas Faculdades da Universidade do Porto, e alguma habitação na sua periferia e em articulação com a envolvente. Para além destes, o Pólo encontrasse implantado numa área de transição topográfica entre a cota alta e a cota baixa da cidade, o que o deixa numa posição limite.

Pese embora a sua importância e dinâmica na cidade, considera-se que esta é uma área que interessa considerar do ponto de vista urbano, paisagístico e programático. Para tal, pensa-se que podem ser tomadas duas posições: a conclusão das suas áreas livres, sendo que para tal se possam pensar novos programas, e/ou a reabilitação/transformação de alguns edificados preexistentes. Assim, considera-se que apesar de distintas atitudes, relevam o problema de escalas - do território ao edifício, de desenhar e construir na cidade e com a cidade. Relevam a carência de articulação e

enquadramento com as áreas envolventes, a definição de espaços de encontro e sociabilidade, de trabalho/investigação.

Com a entrada para a FAUP o problema ganhou uma nova dimensão, influenciada agora não só pela condição e atmosfera do Pólo III mas também pela experiência vivida na faculdade de arquitetura.

Enquanto alunos da FAUP consideramos que temos muita sorte em podermos estudar num edifício que materializa a excelência do que se possa produzir no campo da arquitetura. Acontece que hoje, com as exigências e inovações este edifício, à semelhança de outros no Pólo III enfrentam dificuldades. Falamos desde a falta de espaços aptos para acolher novos usos e programas relacionados com a prática académica e extracurricular, a necessidade de espaços de encontro e partilha que não sejam associados a uma faculdade em específico, mas que possa agregar as mais diversas áreas de formação, espaços que permitam uma grande flexibilidade e acessibilidade de usos. É pertinente pensarmos como se pode potenciar, articular, incluir e até mesmo agregar o contexto académico ao contexto urbano vigente do Porto que, considerando as atuais discussões sobre a construção da nova ponte do Metro sobre o rio Douro, prevê um impacto no conjunto de edifícios do Pólo Universitário e envolvente. Vê-se a realidade da nova ponte como uma oportunidade de (re)integrar e (re)pensar o Polo III na atual e futura cidade do Porto.

Quando se apontam estes problemas, não se faz com o intuito de reprovar ou condenar a ideia ou os projetos integrantes do Polo III, mas sim, fazer notar que as condições que por vezes se vivem nos edifícios e na própria educação, acabam por levar, como na caso da FAUP, a um uso não planeado e muitas vezes improvisado dos edifícios, bem como acaba por comprometer o bem-estar de quem os usa. O lugar necessita de algo que materialize e ao mesmo tempo instrua sobre temas que hoje são muito importantes pensar e dar a pensar, como economia e racionalização de meios, adaptação a novos sistemas construtivos que apelam à flexibilidade de usos, a rapidez de montagem/desmontagem, a sustentabilidade, etc.

Uma outra circunstância que influenciou o tema que aqui se apresenta foi o período pandémico da Covid-19 que vivemos e como este não só pôs a prova a nossa existência, mas também aquilo que sabemos ou julgamos saber. Este surto, veio agravar a nova revolução industrial e económica dos últimos anos, muito apoiada nos fenómenos da ciência e tecnologia, da imagem e dos meios de comunicação, da mobilidade, de novos produtos e do consumo, colocando ao campo da arquitetura novas exigências e novos programas aos quais é necessário responder.

Neste vigente mundo, o território parece não acompanhar a velocidade de transformação da sociedade e do seu modo de vida, mas muda forçosamente fazendo

de cada dia um novo desafio à nossa existência e por consequência, ao exercício da arquitetura como resposta. Cidade, centro, periferia, campo, lugar, sítio, são hoje limites imprecisos e descontínuos, sem as características que historicamente lhes estavam atribuídas ou associadas, e com sinais de evolução cada vez mais evasivos. O processo normal e contínuo da evolução parece já não existir, valores e conceitos, formas e espaços, desejos e necessidades nasciam da transformação deles mesmos, num processo de mudança onde algumas das suas partes permaneciam, no respeito da continuidade histórica, e outras transformavam-se em resposta da contemporaneidade. Hoje, as ruturas e as discontinuidades que outrora foram as grandes exceções de desenho e transformação das cidades e dos territórios, necessárias ao seu crescimento e adequação aos respetivos tempos e por isso justificáveis e absorvidas pela cultura da época, constituem-se hoje como regra e não como exceção. É nesta realidade, e com ela, que interessa refletir sobre o sentido e direção das transformações, do (re)desenho e uso dos espaços e do território face as novas necessidades de uma nova sociedade em constante transformação.

Foi com a experiência de Erasmus em Paris e com as viagens que feitas nesse período que se tomou consciência de uma outra sociedade, outras realidades, necessidades e uma diferente maneira de pensar e fazer arquitetura.

Pode dizer-se que mais do que a experiência na faculdade de Belleville, foi a experiência na cidade que marcou. As viagens e os sítios visitados ajudaram a ver e pensar em novas possibilidades que podem ser aplicadas ao espaço do Pólo III e às necessidades vividas na FAUP.

A escolha de França para a experiência de Erasmus partiu da grande vontade de perceber como se pensa e concebe arquitetura para uma sociedade que procura e potencia os compromissos com a sustentabilidade e a eficiência energética, a valorização da herança cultural e histórica, a inovação e a criatividade. A busca de soluções arquitetónicas adaptadas às necessidades e desafios da sociedade atual faz com que os arquitetos sejam incentivados a buscar soluções criativas e inovadoras que ajudem a moldar o ambiente construído de maneira positiva e inovadora com um certo gosto pela utopia, o que faz com que a arquitetura que hoje se pensa, ensina e produz em França ganhe uma linguagem muito própria, mas ao mesmo tempo muito referenciada.

Todo este contexto é importante para olharmos para este pedaço do território e percebermos como pode a arquitetura humanizar um lugar por meio da criação de espaços e programas funcionais, agradáveis e seguros, que incentivem a interação social e comunitária, e que sejam projetados para atender às necessidades e desejos das pessoas que os utilizam.

Ao recorrer à presente investigação, espera-se que esta possa abrir caminho a ampla experimentação, quer nos domínios teórico-prático, que se podem manifestar nos mais diversos estudos e projetos, tudo para o desenvolvimento de um exercício com potencial de se revelar um transformador do território.

A investigação procura discutir a necessidade de considerar o Pólo III da Universidade do Porto sob o ponto de vista urbano, paisagístico e programático, a fim de solucionar problemas relacionados à escala, à falta de articulação e enquadramento com as áreas envolventes, e à falta de espaços adequados para acolher novos usos e programas relacionados com a prática académica e extracurricular.

Sugere-se pensar em novos programas e na reabilitação/construção para atender às demandas atuais, como a economia e racionalização de meios, a adaptação a novos sistemas construtivos que apelam à flexibilidade de usos, a rapidez de montagem/desmontagem, a sustentabilidade, entre outros, sendo estes temas importantes e impactantes na qualidade não só do contexto académico, mas também social e cultural.

Destaca-se a importância de (re)integrar e (re)pensar o Polo III na atual e futura cidade do Porto, aproveitando a oportunidade oferecida pela construção da nova ponte do Metro sobre o rio Douro, lembrando as aprendizagens como a pandemia de Covid-19 que impulsionaram a necessidade de novas exigências e programas na arquitetura, dada a nova revolução industrial e económica dos últimos anos, muito apoiada nos fenômenos da ciência e tecnologia, da imagem e dos meios de comunicação, da mobilidade, de novos produtos e do consumo, colocando ao campo da arquitetura novos desafios que devemos estar atentos e ansiosos por resolver.